

A PAISAGEM E USO DA BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA NO VALE DO ITAJAÍ-AÇU (SANTA CATARINA) NO SÉCULO XIX

Gilberto Friedenreich dos Santos
Universidade Regional de Blumenau – FURB, GPHAVI
Blumenau, SC, Brasil
frieden@furb.br

Martin Stabel Garrote
Universidade Regional de Blumenau – FURB, GPHAVI
Blumenau, SC, Brasil
martin_stabelgarrote@yahoo.com.br

RESUMO

O século XIX marca a efetiva colonização do interior do Vale do Itajaí. O objetivo é abordar as diversas atividades de extrativismo (caça; pesca; vegetal e madeireiro) da Mata Atlântica, e o uso dessa biodiversidade no século XIX. Outra abordagem a ser considerada é descrever a paisagem natural, período histórico que os documentos históricos ainda retratam uma região com a presença de extensas florestas inexploradas. A metodologia consiste na consulta de fontes primárias do século XIX e início do século XX, e de fontes secundárias. As fontes primárias relatam a beleza da Mata Atlântica e a erosão das margens do rio Itajaí-açu (baixo vale) mesmo com a presença da cobertura florestal. O extrativismo madeireiro foi importante para a exportação. A biodiversidade também foi primordial para a subsistência, como a caça e os diversos elementos da floresta. A riqueza na variedade da flora representa uma diversidade nas propriedades das espécies, como dureza, resistência, facilidade de manuseio da madeira, e a composição química que condicionaram o uso para diversos fins. No século XIX encontraram abundância na biodiversidade, mas a sua sucessiva exploração conduziu à ameaça de extinção de espécies da fauna e flora, que motivaram a criação de unidades de conservação.

Palavras-chave: Paisagem. Biodiversidade. Mata Atlântica. Vale do Itajaí-açu. Século XIX.

THE LANDSCAPE AND USE OF THE ATLANTIC FOREST BIODIVERSITY IN THE ITAJAÍ-AÇU VALLEY (SANTA CATARINA) IN THE XIX CENTURY

ABSTRACT

The 19th century marks the effective colonization of the interior of the Itajaí Valley. The aim is to approach the various extractive activities (hunting; fishing; vegetation and timber) in the Atlantic Forest, and the use of this biodiversity in the 19th century. Another approach to be considered is to describe the natural landscape, a historical period that historical documents still depict a region with the presence of extensive unexplored forests. The method comprises consulting primary sources from the 19th and early 20th centuries, and secondary sources. The primary sources report the beauty of the Atlantic Forest and the erosion of the banks of the Itajaí-açu river (lower valley) even with the presence of forest cover. Timber extraction was important for export. Biodiversity was also essential for subsistence, such as hunting and the distinct elements of the forest. The richness in the flora's variety represents a diversity in the properties of the species, such as hardness, resistance, easy handling of the wood, and the chemical composition that conditioned the use for several purposes. In the 19th century, they found abundance in biodiversity, but their successive exploration led to the threat of extinction of species of fauna and flora, which motivated the creation of conservation units.

Keywords: Landscape. Biodiversity. Atlantic Forest. Itajaí-açu Valley. XIX century.

INTRODUÇÃO

O Brasil é o país com a maior diversidade mundial, que representa de 15 a 20%. Sobre o uso e conservação dessa biodiversidade apresenta uma rica sociodiversidade. A biodiversidade ou

diversidade biológica “é a variedade de vida na Terra. Ela é constituída pelas variedades inter-específica, entre espécies e de ecossistemas. A biodiversidade também se refere às relações complexas entre seres vivos, e entre seres vivos e seu meio ambiente.” (GROSS; JOHNSTON; BARBER, 2005, p. 7).

A biodiversidade inclui os serviços ambientais responsáveis pela manutenção da vida na Terra, pela interação entre os seres vivos e pela oferta dos bens e serviços que sustentam as sociedades humanas e suas economias. Esses bens e serviços incluem alimentos, medicamentos, água e ar limpos, e outros recursos naturais que sustentam uma ampla variedade de atividades humanas e indústrias, desde atividades florestais até mineração e produtos farmacêuticos. [...]

[...]

A biodiversidade inclui os recursos biológicos, que são objeto de exploração econômica pelo homem, seja por meio de extrativismo de pesca e caça, extrativismo vegetal e extração madeireira, seja pelo cultivo e criação de espécies domesticadas na agricultura, silvicultura, aquicultura e pecuária (GROSS; JOHNSTON; BARBER, 2005, p. 7).

A Mata Atlântica é um dos biomas mais impactados no Brasil, restando 28% de sua cobertura nativa. A maioria dos remanescentes da mata se encontra em fragmentos pequenos com menos de 0,5 km². Atualmente mais de 70% da população brasileira distribui-se no bioma (BPBES, 2019). Todo o Estado de Santa Catarina está inserido neste bioma. “De acordo com a Conservation International, dos 25 *hotspots* de biodiversidade no mundo a Floresta Atlântica está entre as cinco regiões de maior endemismo de espécies de plantas vasculares e vertebrados terrestres.” (BRASIL, 2009, p. 11).

A biodiversidade da Mata Atlântica prestou e ainda presta importantes serviços ambientais. Desde o início da colonização tem sustentado atividades econômicas e de subsistência e promovido o desenvolvimento regional de diversas comunidades e sociedades. Os recursos biológicos considerados na exploração econômica e de subsistência na pesquisa do Vale Itajaí-açu correspondem às diversas formas de extrativismo: caça; pesca; vegetal e madeireiro.

A Plataforma Intergovernamental de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (BPBES, 2019, p. 14) considera os aspectos culturais e sociais dos diversos povos do mundo, abordando os serviços ecossistêmicos de forma mais ampla que inclui “outras visões de mundo e o relacionamento do homem com a natureza.” Definem-se “como Contribuições da Natureza para as Pessoas [...] que se referem a ‘todas as contribuições positivas, ou benefícios e, ocasionalmente, contribuições negativas ou perdas, que as pessoas obtêm da natureza’ (Pascual et al. 2017).” Os serviços ecossistêmicos são classificados em: 1) Provisão; 2) Regulação; 3) Cultural; 4) Suporte.

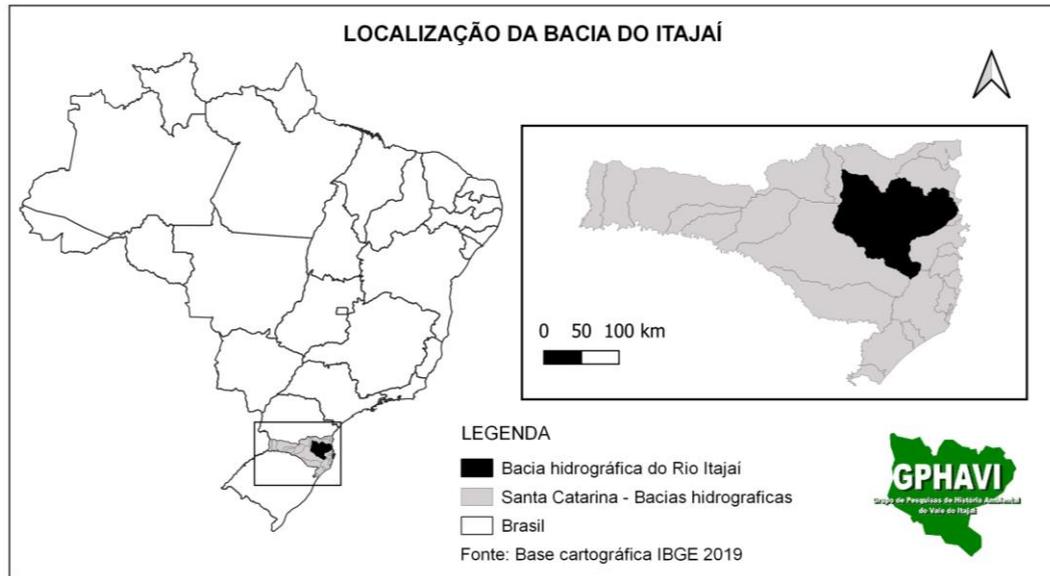
Nodari; Nodari; Franco (2016, p. 13) discutem a compreensão do termo biodiversidade, e referem-se à agrobiodiversidade como “[...] parcela da biodiversidade constituída por um conjunto de organismos e ecossistemas que apresentam fortes relações com os seres humanos [...]. Cabral (2012, p. 222) afirma que “A Mata Atlântica sempre foi cultural e natural ao mesmo tempo. E com ela, no passado e no presente, que construímos nossa ‘sociedade’, isto é, nossa associação mais ampla de humanos e não-humanos.” Não se trata aqui de um estudo exaustivo da formação do bioma Mata Atlântica no tempo geológico, mas deve-se reconhecer a inter-relação da biodiversidade, geodiversidade e sociodiversidade presentes no processo de ocupação e desenvolvimento do Vale do Itajaí.

Situado na região leste do Estado de Santa Catarina (Figura 1), as características naturais do vale influenciaram a escolha e instalação das colônias Blumenau em 1850 (baixo Vale do Itajaí-açu) e Brusque em 1860 (baixo Vale do Itajaí-mirim). O século XIX marca a efetiva colonização do interior do Vale do Itajaí. Conforme Fouquet (2019, p. 17), as características geográficas influenciaram o Dr. Blumenau (fundador da colônia) na escolha da região para instalar a sua colônia.

Havia encontrado uma região riquíssima em solo fértil, em florestas aproveitáveis e em caça, abundantemente regadas por cursos d’água e facilmente explorável para o intercâmbio comercial. Amigo da natureza deslumbrou-no, além disso, a vegetação e a beleza da paisagem alternada de serranias, planícies, águas tranquilas e rumorosas corredeiras. Tempos depois registrou, referindo-se particularmente ao rio Benedito:

“Sobre tudo pairava a expressão de uma serenidade e majestade indescritíveis, um ar tépido e embalsamado e um maravilhoso firmamento azul. Foram dois dias magníficos que passei lá em cima, em longínqua solidão, até onde, antes de mim, ainda não chegara homem civilizado algum. Continuo, já decorridos três meses, encantado com o solene ermo da floresta, com esse que inexplicável que nos empolga, quando sabemos que nos encontramos distantes dos homens, num sítio que permaneceu, durante milênios, no estado em que ainda se encontra”.

Figura 1 - Localização da área de estudo.



Org. - os autores.

A beleza da paisagem natural e a riqueza da biodiversidade e geodiversidade da região descrevem o cenário acima descrito. Diversidades de recursos naturais que no século XIX suprem as necessidades econômicas e de subsistência dos imigrantes. Também se destaca a diversidade étnica no processo de colonização da região, em sua maioria alemães e italianos. A chegada dos imigrantes europeus representou um contexto ambiental diferente da sua terra de origem, com uma mata nativa ainda recobrando grandes extensões do território e sustentando uma biodiversidade maior e mais generosa de espécies de plantas e de animais. O imigrante estabelece formas de relação e exploração dos recursos naturais com as novas condições aqui encontradas, que a princípio determinaram e viabilizaram em grande escala atividades como a caça, pesca e uso da madeira para as mais diversas finalidades, criando manifestações culturais como os clubes de caça e tiro e festas de caça.

No Vale do Itajaí, a partir do século XIX, diversas comunidades se instalaram seguindo o Rio Itajaí e seus inúmeros afluentes. Na região sul o processo de colonização é estimulado pelo Estado brasileiro para ocupar áreas recobertas por extensas florestas vistas como vazios demográficos, consolidadas com a privatização destas áreas (SANTOS, 2017), e “As formas de interação entre os colonos e a mata vão sendo construídas e modificadas ao longo dos anos.” (SANTOS, 2011, p. 23). A região de estudo historicamente se caracterizou pela exploração madeireira da Mata Atlântica, e atualmente se encontra substituída em grandes extensões por eucaliptos e pinus. A exploração industrial da madeira intensificou-se com a evolução da tecnologia empregada desde a retirada das árvores na floresta até o seu processamento nas serrarias.

A floresta representa um recurso natural como meio de subsistência para o colono, e por tratar-se de uma atividade econômica que historicamente provocou uma significativa redução da cobertura da Mata Atlântica e empobrecimento da biodiversidade local pelo desaparecimento e redução de espécies da flora e fauna. A pesquisa justifica-se em um momento histórico que o Vale do Itajaí inicia um intenso processo de colonização responsável por uma significativa transformação de sua paisagem e do uso de sua biodiversidade e geodiversidade.

O objetivo é abordar as diversas atividades de extrativismo (caça; pesca; vegetal e madeireiro) da Mata Atlântica, e o uso dessa biodiversidade no século XIX. Outra abordagem a ser considerada é

descrever a paisagem natural, período histórico que os documentos históricos ainda retratam uma região com a presença de extensas florestas inexploradas. Estabelece-se interação da floresta com a dinâmica fluvial do Rio Itajaí-açu, relatada por alguns viajantes e naturalistas no século XIX e por tratar-se atualmente de uma preocupação socioambiental na região a erosão das margens fluviais.

Adota-se a compreensão de paisagem natural propagada por Milton Santos. Para o autor (2014, p. 67-68), a paisagem é “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, [...] pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” E distingue as paisagens como sendo a artificial a “[...] transformada pelo homem; já, grosseiramente, podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente já não existe.” (SANTOS, 2014, p. 71).

METODOLOGIA

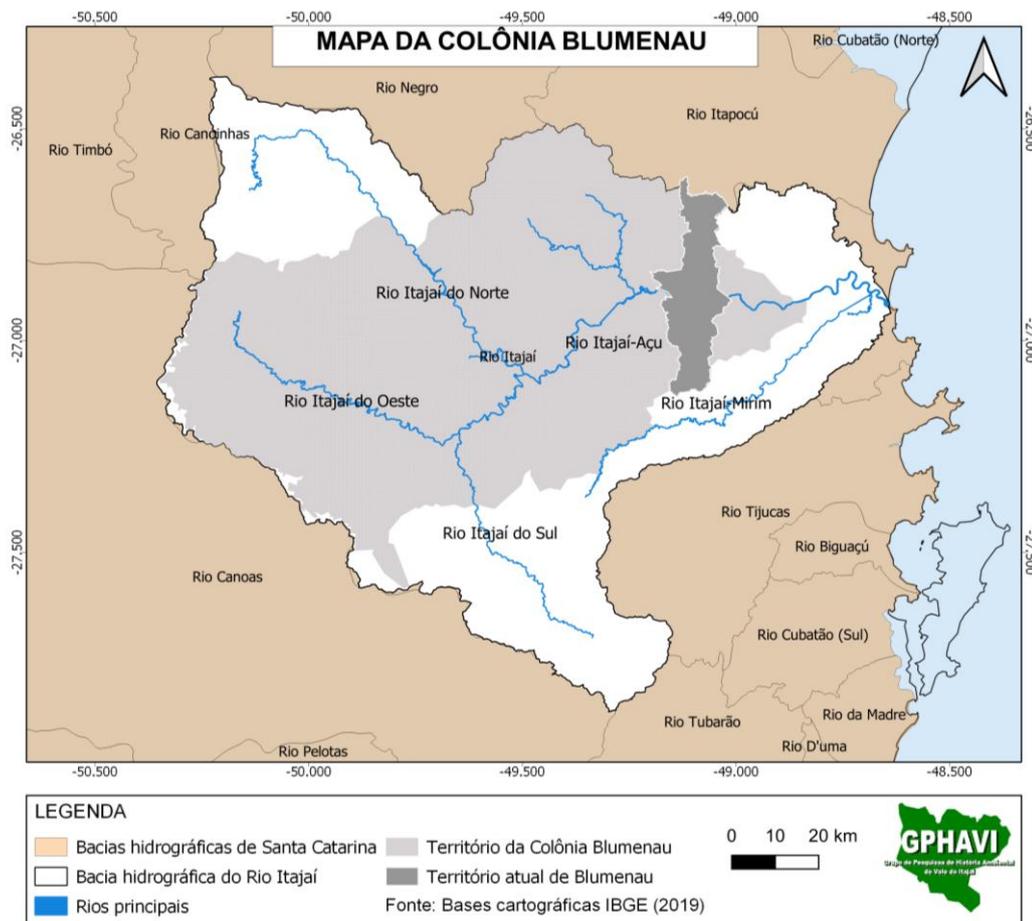
Para atender os objetivos da pesquisa, consultaram-se fontes primárias e fontes secundárias em arquivos históricos e bibliotecas. A maior parte das fontes está disponível na internet. As fontes consultadas são variadas, como a revisão bibliográfica de textos atuais, as publicações científicas em periódicos, dissertações, teses, livros, pesquisas de cientistas das áreas humanas e naturais, documentos históricos, e relatos de viajantes e cientistas. Estes documentos apresentam a descrição da paisagem natural e as atividades de extrativismo da biodiversidade da Mata Atlântica (caça; pesca; vegetal e madeireiro), cujo uso consistiu para fins de subsistência humana e de caráter mercantil.

As fontes primárias consultadas do século XIX, principalmente a segunda metade, e início do século XX estão publicados na “Blumenau em Cadernos”, periódico impresso desde 1957, com acesso de vários números via online. Outra publicação (2019) disponibilizada via online são dois tomos da “Colônia Blumenau no sul do Brasil” com diversos documentos históricos (relatos de viajantes e naturalistas, biografias, cartas). Algumas publicações de relatos de viajantes e naturalistas também são acessíveis via online.

Nos resultados, as fontes primárias consultadas do século XIX e início do século XX sobre o Vale do Itajaí-açu são de Charles van Lede; Reinholdo Gaertner; Robert Gernhard; Robert Avé-lallement; C. Riviere; Johann Jakob von Tschudi; Szendrői Geöcze Vince; Hugo Zöller; Gustav Stutzer; Franz Eduard Giesebrecht; Wilhelm Lacmann; Franz Giesebrecht; Henry Lange; e Giacomo Vicenzi. Traça-se uma breve biografia dos autores seguindo uma sequência cronológica da presença e publicação das obras referentes ao Vale do Itajaí. As informações dos dois primeiros autores constam exclusivamente nas publicações da “Blumenau em Cadernos”, e os demais em “Colônia Blumenau no sul do Brasil”. Nestas algumas informações são reproduzidas a partir de publicações anteriores da “Blumenau em Cadernos”.

Charles van Lede percorreria o rio em 1842 para estabelecer uma colônia belga. As traduções publicadas na Blumenau em Cadernos referem-se ao seu diário de 1842 “Reconnaissance de l’Itajahy-Grande”, e em 1843 publicou “De la Colonisation au Brésil - Mémoire historique, descriptif, statistique et commercial sur - La Province de Sainte Catherine...”. Reinholdo Gaertner, Consul do Ducado de Brunsvique e sobrinho do Dr. Blumenau, elaborou um mapa anexado ao folheto do Dr. Blumenau para fins de propaganda na Alemanha. Gaertner juntou ao mapa algumas explicações sobre a região, publicado na Blumenau em Cadernos com o título “O Vale do Itajaí em 1855”. Robert Avé-lallement, médico, viaja pelo país e visita a Colônia Blumenau em 1858 (Figura 2). A “Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858” foi editada originalmente em 1859. C. Riviere, engenheiro, descreve e levanta a planta do Rio Itajaí-açu e Rio Itajaí-mirim no segundo semestre de 1859 e começo do primeiro semestre de 1860.

Figura 2 - Bacia do Itajaí com território da Colônia Blumenau¹, município de Blumenau e rios principais.



Johann Jakob von Tschudi, formado em ciências naturais e medicina, percorreu a região em 1861, e em 1866 publicou "Viagem através da América do Sul". Em 1864 Szendrői Vince (estudos jurídicos) estabeleceu-se temporariamente acima de Blumenau. Publicou "Viagem ao Brasil e Retorno" em 1869. Hugo Zöller, enviado por um jornal alemão para conhecer a realidade da Colônia Blumenau, concluiu o seu trabalho em 1882. Os "Alemães na Floresta Brasileira" foi publicado em 1883. Henry Lange, inspetor da seção de mapas do Departamento de Estatística de Berlim, publica seu primeiro livro em 1867 sobre as colônias alemãs em Santa Catarina. Em 1885 publica "Südbrasilien", e em ambas trata da Colônia Blumenau. Gustav Stutzer, teólogo evangélico, se estabeleceu em Blumenau em 1885 até o início do século XX. Publicou "Na Alemanha e Brasil, Retratos da Colônia Blumenau" em 1913.

Franz Giesebrecht, enviado para conhecer a região, chegou a Blumenau em 1898 que também visita o interior. No ano seguinte publica "A Colônia Alemã Hansa no Sul do Brasil". Robert Gernhard atuou como redator do Reform de Joinville. Relata a sua experiência nas colônias de "Dona Francisca, Hansa e Blumenau" em 1900. No livro "Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina" (1904) do Cônego Giacomo Vicenzi, relata a sua visita em 1902. Wilhelm Lacmann em 1903 visitou o Vale do Itajaí, Blumenau e a Colônia Hansa (Ibirama). A viagem resultou em 1906 na publicação de "Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil".

As fontes secundárias contribuíram para compreender o processo histórico de ocupação, uso da biodiversidade da Mata Atlântica e a interação com as atividades de subsistência e de caráter mercantil. Neste contexto destaca-se a bibliografia referente à extração madeireira no Vale do Itajaí e

¹ O Território da Colônia Blumenau é aproximado, e foi definido a partir do limite atual dos municípios que se originaram da Colônia.

a sua importância no desenvolvimento do território. Em ambas as fontes são extraídas informações sobre os procedimentos de extrativismo, as tecnologias empregadas e sua evolução.

RESULTADOS

A beleza, riqueza e domínio da Mata Atlântica têm sido enaltecidos no século XIX quando ainda dominava na paisagem da província catarinense e iniciava-se um período de colonização do interior do Vale do Itajaí. O interior da província é, conforme Aubé (1944), inteiramente desconhecido com desbravamento de trechos nas margens dos cursos de água e do mar. Ao descrever brevemente a floresta virgem no século XIX, retrata a capacidade humana de sobrepor-se às dificuldades e vislumbrar o caminho para o progresso.

É em face dessa natureza que o homem solitário poderá reconhecer sua fraqueza e sua inferioridade; mas, ao mesmo tempo, poderá compenetrar-se da força que lhe deu a inteligência. De feito, alguns meses lhe bastarão para domá-la na sua rebeldia e fazer desaparecer todos os obstáculos que se lhe antepuserem; estradas largas apagarão os traços do carreiro quase intransitável; campos férteis e ridentes tomarão o lugar da floresta, e habitações elegantes levantar-se-ão onde o viajante numa hora construía a casa para uma noite.

Tal é o espetáculo que se assiste nos Estados Unidos há mais de meio século e só a imaginação poderá seguir-lhe o movimento rápido. Tal é, sem dúvida, o que não tardará a nos propiciar a província de Santa Catarina (AUBÉ, 1944, p. 93-94).

No parágrafo seguinte o autor ressalta a importância da floresta e da necessidade de conservá-la, e estabelecer limites de sua exploração para garantir o crescimento futuro da província catarinense.

A floresta virgem é, porém, a riqueza e o futuro desta bela província. Se, entretanto, os seus filhos devem utilizá-la, como um bem que Deus concedeu ao homem, cumpre-lhes, simultaneamente economizá-la, não destruindo irrefletida e descomedidamente a obra de tantos séculos e que também pertence às gerações futuras (AUBÉ, 1944, p. 94).

As formas de exploração madeireira no sul do Brasil variaram de acordo com as espécies arbóreas. Em Santa Catarina existiam três tipos de serrarias, sendo as mais comuns as de madeira de lei, consideradas de menor porte e produção inferior as de pinho.

Deste modo, primeiramente surgiram os engenhos de serrar que se ocuparam em derrubar e desdobrar as madeiras de lei, notadamente a peroba (*Aspidosperma polyneuron*), na segunda metade do século XIX. A partir deste período, iniciou-se a exploração de serrarias movidas à força hidráulica havendo, contudo, exceções com serrarias movidas a vapor. Essas serrarias atuaram no litoral e exploraram madeiras de lei. Distintamente, outras serrarias foram sendo instaladas no planalto com o objetivo de explorar os pinhais e por isto são chamadas de serrarias de pinho (EDUARDO, 1974, p. 41).

Para melhor compreensão da diversidade de temas, os resultados da pesquisa estão subdivididos em quatro partes: descrição da paisagem natural; a exploração madeireira da floresta; outros usos da biodiversidade da floresta e; caça e pesca.

A PAISAGEM NATURAL

Avé-lallemant (1953) ao percorrer o rio Itajaí-açu, em alguns momentos, contempla a floresta. Entre a desembocadura do Rio Itajaí-mirim e a colônia belga (fundada em 1844, atual município de Ilhota), o autor destaca a erosão das margens fluviais, em decorrência de uma inundação.

Encantadora floresta virgem refletia-se na corrente e esbeltas palmeiras inclinavam-se sobre as ondas escuras, balançando-se ligeiramente. Mas, ao lado do quadro da mais profunda paz, o da mais furiosa destruição. Em muitos lugares desabaram os barrancos do rio com os matos que os cobriam. As mesmas frondes pujantes que se elevavam para o céu subitamente se precipitaram na torrente e ali ficam apoiadas no fundo, [...] (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p. 154).

Em Blumenau, ao percorrer o rio Itajaí-açu e suas margens, menciona a beleza e as dificuldades de caminhar na mata virgem. E sobre as rochas do salto “[...] pendiam, no alto, silenciosas copas de árvores; ao nosso lado trovejava o rio, descendo; nenhum vestígio humano, nenhuma tentativa de civilização ofendera, aqui, a natureza selvagem.” (AVÉ-LALLEMANT, 1953, p. 166).

Tschudi (1988) em suas excursões pelo rio constata a existência de um grande número de cágados que costumeiramente tomam sol nos troncos de árvores inclinados. A imensa presença dos mesmos também é relatada por Giesebrecht (2019) no final do século XIX, referindo-se como tartarugas de água doce. Tschudi associa o uso do solo, a granulometria do solo e a importância da floresta para minimizar a ação da erosão nas margens do rio no seu baixo curso.

Em alguns lugares, são plantados inhames nas barrancas (taiás) próximo ao rio, que com suas enormes folhas verde-cinzentas, formam paredes suntuosas. Os seus tubérculos úteis, desse modo, plantados, alcançam um tamanho considerável.

Quanto mais progride o cultivo ao largo do Itajaí, tanto menos se torna o leito do rio, tanto mais perigosas nas desembocaduras porque as margens raramente são perigosas, mas constituem em sua maioria de argila facilmente lavável e oferecem especialmente pelas raízes das árvores uma resistência à água sempre corrente. Quando as florestas forem devastadas, morrem as raízes e quando o solo for cultivado as enchentes se apoderam cada vez mais dos terrenos levando consigo o chão e os detritos, deixando-os no fundo do rio ou na Barra. [...], sabendo que o rio – felizmente em intervalos compridos – subiu mais que 30 pés por cima do nível médio dele; e que se localiza algumas horas distanciada da Colônia belga (TSCHUDI, 1988, p. 46-47).

Gernhard (1998, p. 53) também retrata, brevemente, a erosão do rio em que “As esbeltas palmeiras balançam ao vento sobre o leito do rio. Nas margens, os desbarrancamentos arrastam parte da floresta e árvores gigantescas, cujas copas ainda se levantam para o céu, envoltas em águas espumantes onde formam remansos.” Avé-lallemant, Tschudi e Gernhard na segunda metade do século XIX já constataram a fragilidade das margens à erosão fluvial no baixo curso do Rio Itajaí-açu, que são constituídas por sedimentos aluviais holocênicos inconsolidados.

Atualmente diversos fatores contribuem para a erosão destas margens, e “A presença de espessas camadas arenosas a silto-arenosas nos sedimentos da várzea os torna altamente porosos e friáveis. Na elevação das cotas do nível do rio há uma fácil penetração das águas que provocam uma rápida saturação dos solos, [...]” (SANTOS; PINHEIRO, 2002, p. 5). Percebe-se a partir dos relatos a vulnerabilidade das margens fluviais mesmo com a presença da floresta, determinada pelas características granulométricas. Os escorregamentos são mais evidentes entre Blumenau e Ilhota, cujas margens são mais elevadas. A ausência de mata ciliar em muitos trechos é notória, em que se destacam atualmente a presença de extensas áreas de pastagem e urbanização das planícies de inundação.

Avé-lallemant aponta que a margem do Rio Itajaí-açu mesmo com a presença da floresta já apresentava susceptibilidade à erosão. Tschudi, posteriormente, acrescenta que a ocupação e a eliminação da vegetação nas margens do rio aceleram a ação dos processos erosivos. Zöllner estabelece uma dinâmica de erosão e deposição na margem e leito do rio Itajaí com a ocorrência da enchente de 1880, e a mudança que esta causou na barra do rio afetando o acesso de navios ao porto.

Esta barra, desde a enchente de 1880 (setembro) que assolou Blumenau e todo o Vale do Itajaí, assoreou de forma tal o leito que atualmente somente navios com um calado de 6 pés (1.80) podiam passar a barra sendo que em anos anteriores tinha condições para 20 pés de profundidade. Agora se espera que a terra de aluvião carregada das margens se formem novamente estreitando a passagem, aumentando, e desta forma aprofundando o leito (ZÖLLNER, 1990, p. 139).

Zöllner já apontava um significativo assoreamento do Rio Itajaí nos princípios da colonização em que a ocupação ainda se limitava ao baixo e médio vale. A ação antrópica e a redução da cobertura florestal atingiram proporções bem inferiores daquelas apresentadas no século XX, ao iniciar o avanço e consolidação da ocupação do alto vale do Itajaí. No século XIX o rio ainda representava a principal via de acesso entre Blumenau e Itajaí, que condicionaram o desenvolvimento da região em torno das margens fluviais e a dependência do transporte fluvial.

Na viagem de Zöller para Blumenau, descreve a paisagem e semelhanças entre os rios Itajaí-açu e Reno, e posteriormente compara a presença da vegetação na margem esquerda do Rio Itajaí-açu em Blumenau com os jardins botânicos da Europa.

[...] uma região montanhosa com lindas florestas ainda em parte nativas se desenrola numa variada paisagem. As copas das árvores cobrem as margens do rio sob o qual talvez se esconda um arisco jacaré ou crocodilo brasileiro. O rio, ao estreitar-se, mostra uma curva fechada onde, entre lindas encostas verdes, se forma uma paisagem suave e agradável. Em outras partes do Reno entre Bohn e Colônia, se repete o mesmo (ZÖLLER, 1990, p. 140).

A floresta mais bonita e preciosa, onde já haviam sido cortadas algumas das árvores mais valiosas, situava-se a alguns passos da minha hospedagem, mas no outro lado do rio, [...]. À margem do Rio passava-se por uma plantação de bananas mal cuidada, mas devido a isto exuberante e grandiosa estava uma natureza sem igual nos jardins botânicos da Europa (ZÖLLER, 1990, p. 145).

Vicenzi (2019, p. 492) ao navegar o rio de Itajaí a Blumenau afirma que “Nesse dia, suas águas eram amarelas, sinal certo de enchente, ou, como muito bem dizem os marinheiros e habitantes de Itajaí, o rio trazia água do monte.” Lacmann (1997, p. 52) em visita a Hammonia (atual Ibirama), colônia fundada em 1897, contempla a beleza e a diversidade de espécies da floresta, e as mudanças na paisagem conforme a vegetação presente associando-a com a fertilidade do solo.

A floresta subtropical envolve-nos maravilhosamente. Ali um palmito esbelto eleva sua copa contra o céu; lá estão cedros, tajubas, figueiras, canelas e outras mais com seus troncos fortes. São gigantes orgulhosos da selva! Entre eles crescem um emaranhado de outras árvores com todas as variações do verde, entrelaçadas por trepadeiras, como grossos cabos esticados e lá adiante um mata-pau abraça mortalmente uma árvore.

No chão cresce uma grande variedades de plantas, algumas com folhas enormes e mais adiante está uma samambaia imponente. Agora aparecem à esquerda e à direita taquaras densas e intransponíveis. A existência de taquaras mansas, bem como a da bananeira selvagem, indica solo fértil. Um pouco adiante o quadro que se apresenta muda. A floresta fica mais clara, dominando as samambaias sobre as demais plantas. Sua delicada folhagem, quando em grande número, forma uma paisagem maravilhosa. Mas esta ainda é sobrepujada pelo quadro que se apresenta logo em seguida. Várias espécies de palmeiras, palmitos, palmeirinhas, palmeiras uricanas dominam a floresta.

O EXTRATIVISMO MADEIREIRO

O extrativismo, conforme SILVA (1967) é realizado no final do século XVIII e início do século XIX por sesmeiros na foz do Rio Itajaí-açu e baixo curso do Itajaí-mirim para o comércio de madeiras serradas. A exportação foi realizada no pequeno porto situado defronte ao Rio Itajaí-mirim. As primeiras referências ao porto são do ano de 1816 (d'ÁVILA, 1982). Possivelmente, em torno de 1823, já atuava um estaleiro para a construção e reparo de embarcações (SILVA, 1967). Essa atividade executada pelos denominados carpinteiros da ribeira foi favorecida pela boa qualidade da madeira da região, como “o cedro, a canela, a peroba, o ariribá, o guaruba e o lamdim” (d'ÁVILA, 1982, p. 12).

Na construção naval em madeira, os primeiros povoadores empregaram trabalho artesanal e manual. O início do desenvolvimento da construção naval em Itajaí está associado ao mercado local, à localização no litoral e na foz do Rio Itajaí, e a presença de um porto que impulsionaram o uso de embarcações (MACHADO, 1979).

De início a pesca artesanal, a navegação fluvial através do rio Itajaí-Açú, e o comércio através dos portos do Estado proporcionaram o impulso para o desenvolvimento da construção naval, por exigirem estas atividades, embarcações de pequeno porte.

Do início do século até os anos trinta, a construção naval de Itajaí foi basicamente artesanal e manual, exigindo perícia, trabalho e tempo dos construtores e carpinteiros da ribeira. Mesmo assim, apesar do uso de métodos que poderiam ser considerados rudimentares, conseguiram satisfazer a demanda do mercado que até este período fora pouco exigente. [...] (MACHADO, 1979, p. 3).

As mudanças tecnológicas acompanharam a construção naval. A atividade forma uma mão de obra qualificada que torna Santa Catarina em “importante polo náutico do País, sendo que em Navegantes e Itajaí concentra-se o maior número de empresas construtoras de embarcações. Em Itajaí está a maior fabricante de lanchas da América do Sul, em unidades produzidas.” (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2015, p. 18).

No século XIX os imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, vieram para “[...] ocupar o vazio, localizado entre o litoral e as escarpas da serra, isto é, a região desde o Vale do Araranguá até o Vale do Itapocú e do Cachoeira [...]. Estes imigrantes fixaram-se em pequenas propriedades [...]” (EDUARDO, 1974, p. 12). Até o referido período a colonização concentrou-se no litoral, dadas às dificuldades de ocupação do interior apresentadas pela densa cobertura de vegetação da Serra do Mar, e os riscos de conflitos com os nativos (SANTOS, 1981).

Os imigrantes aumentaram a exploração devido à abundância de madeira de lei e a necessidade de desmatar para a lavoura. As frentes de colonização nos vales do Rio Itajaí-açu e Rio Itajaí-mirim tiveram a madeira como principal riqueza por vários anos, e aos poucos se desenvolveram outras atividades (BRASIL, 2009).

[...] ao se instalarem nas terras, logo estabeleceram grande número de serrarias, aproveitando os rios para o transporte, e as cachoeiras e quedas d’água para mover as serras nas diversas colônias fundadas a partir de 1850. Isto ocorreu principalmente no Vale do Itajaí, onde a madeira era transportada em toras pelo rio, até o porto de Itajaí (EDUARDO, 1974, p. 21).

Os rios navegáveis exerceram a função de “vias comerciais” para a comercialização da madeira (MOREIRA, 2002). Um aspecto interessante considerado por Eduardo, a partir de relatos, é de que o imigrante alemão embora também tenha praticado o desmatamento, o fez em menor escala do que o italiano. Considerando como válido o caráter mais intenso de desmatamento pelo imigrante italiano, justifica-se, provavelmente ao fato de os imigrantes alemães chegarem primeiro e ocuparem as terras mais férteis e menos acidentadas que viabilizaram a dedicação à atividade agrícola em maior escala, processo de ocupação de terras constatada nas colônias de Blumenau e Brusque. Acrescenta-se o fato de que a instalação de colônias mais afastadas do litoral apresentava maiores dificuldades para o escoamento da produção agrícola, sendo mais viável o transporte da madeira em grande volume nos cursos de água.

A diversidade de espécies da flora e a riqueza em madeira de lei contribuíram para o desenvolvimento da construção naval e das exportações no Porto de Itajaí. Moreira (2002, p. 79) identifica três fases para o “porto da madeira”: 1ª) século XIX: fase natural relacionada ao processo extrativo da floresta no baixo e médio vale; 2ª) final do século XIX até a década de 1950: fase de transição que corresponde “ao declínio da produtividade madeireira no litoral, o ‘surto manufatureiro’ das áreas coloniais e o lento processo de organização do porto de Itajaí.”; 3ª) décadas de 1950 a 1970: é o momento exportador mais importante, graças ao comércio da araucária proveniente do planalto catarinense.

Documentos históricos apontam que a Mata Atlântica ainda não sofreu mudanças significativas até a metade do século XIX, sendo, talvez, mais expressivas no baixo vale do Itajaí-mirim com o comércio de madeiras. Essa abordagem é reforçada nos comparativos de Gaertner em 1855, Riviere em 1859 e 1860, e Tschudi em 1861. Gaertner (1960, p. 182) afirma que no Itajaí-mirim “A existência de engenhos de serrar e da criação de gado, em relação à população pouco numerosa, é bem maior do que a do Itajaí-Açu.”

Há dez anos passados, estabeleceram-se os primeiros alemães no Itajaí-Açu, vindos da Colônia São Pedro de Alcântara, distante dois dias de viagem. Um grupo de homens resolutos veio de lá, subindo o rio em busca de madeira de lei, falquejando pranchas e serrando tábuas, o que, naquele tempo, como não existissem engenhos de serra, representava empreendimento bastante lucrativo (GAERTNER, 1960, p. 182).

Os dados de exportação do porto de Itajaí revelam que a exploração da biodiversidade prevalece em termos monetários, em forma de “[...] pranchas, tábuas, madeiras para construções, no valor de 90 contos de réis (68.000 talers); [...] e boa quantidade de peles não curtidas, por não se ter estabelecido ainda nenhum cortume na região.” (GAERTNER, 1960, p. 183). Riviere (1994, p. 54) identifica “no rio Itajaí-açu: [...] 5 engenhos de serrar; [...]”, e “A exportação anual é [...] mil dúzias de tábuas”. No

Itajaí-mirim 12 engenhos de serrar, e exportação anual de 18.000 dúzias de tábuas. O valor aproximado das exportações de 200 contos de réis, dos quais 150 em madeira. Os dados são próximos de Tschudi (1988, p. 43), que registra 5 serrarias em Blumenau; e da desembocadura do Rio Itajaí-mirim até a Colônia Brusque 14 serrarias com exportação de madeira. Na barra do Itajaí-mirim refere-se a uma serraria de “rendoso comércio de madeira.”

No final de 1879 a Colônia Blumenau apresentava 28 serrarias à água; e em 1881 com 32 serrarias (LANGE, 2019). Sem quantificar, Zöller (1990) em meados do começo da década de 1880 constata a presença de várias serrarias dependentes da força da água (rodas de água). As tábuas e madeiras de lei estão entre os principais produtos de exportação de Blumenau. Em 1897 exportou 15.000 dúzias de tábuas com 46 serrarias (GERNHARD, 1998). Os dados do referido ano diferem dos apresentados por Giesebrecht (2019), com exportação de 9.995 dúzias de tábuas, contando com 51 serrarias.

Comparando as informações das diversas fontes sobre a evolução do número de serrarias e produção de tábuas em Blumenau e no Vale do Itajaí-açu, há uma rápida e significativa elevação na extração madeireira na região em um período inferior a 30 anos. Conforme Moreira (2002), em 1887 a madeira representa o principal produto exportado no Porto de Itajaí, sendo a produtividade baixa nos “engenhos de serrar”.

Eduardo (1974, p. 25-26) aborda o aumento expressivo do extrativismo vegetal da Mata Atlântica na região litorânea na segunda metade do século XIX, diminuindo as exportações no porto de Itajaí no começo do século XX. O beneficiamento da madeira no referido período é basicamente elementar.

[...] a exploração madeireira foi intensiva na região litorânea, sem que houvesse nenhuma preocupação de reflorestamento ou controle da produção. A madeira foi exportada no seu estado mais rude, com beneficiamento elementar. A intenção era exportar, e quanto mais o fizessem, melhor seria. [...]. Entretanto, no começo do século, a exportação de Santa Catarina, correspondente aos anos de 1905 e de 1906 constava de: dormentes, ripas de gissara, táboas de costadinho (estes em maior quantidade), mourões, páos de prumo, pernas de serra, pranchões, ripas de madeira, sarrafos, táboas de forco, táboas de assoalho, taboinhas para caixinhas, toras de madeira, vigas e paças mobiliárias (esta em menor quantidade). Portanto, já havia um certo beneficiamento que, contudo, ainda era elementar.

A devastação continuou destruidora de forma que a exportação de táboas de costadinho pelo porto de Itajaí diminuiu em 1909, em cêrca de 07 mil dúzias, embora os preços permanecessem quase inalterados nos últimos anos. Isto ocorreu pelo desmatamento das florestas, o que criou a necessidade da busca da madeira em lugares mais distantes, razão pela qual a produção baixou. E baixando a exportação de Itajaí, baixou também a de Santa Catarina, pois Itajaí [...], representava uma parcela substancial na pauta das exportações.

Moreira (1995, p. 123) acrescenta que essa redução nas exportações “pelo porto de Itajaí, nesse período, evidencia principalmente as limitações de uma hinterlândia portuária sem acesso às fontes de produção mais distantes, no caso, o alto vale do Itajaí e o Planalto Catarinense, este último, ‘habitat’ das florestas de araucária.” O acesso rodoviário ligando Lages a Itajaí aumentou significativamente a exportação pelo porto de Itajaí devido à exploração das florestas de araucárias. As preocupações com a destruição florestal surgem no final da década de 1910, resultando entre medidas de defesa o Decreto n. 25, de 23 de fevereiro de 1927, ao reconhecer as reservas florestais do Estado de utilidade pública (EDUARDO, 1974).

OUTROS USOS DA BIODIVERSIDADE DA FLORESTA

Lede (1967, p. 183) menciona a montante da localidade de “Possinho” (município de Ilhota) o uso da Tajuva no “Ribeirão do ‘Estaleiro dos Naos’”. Muitos paus de Tajuva usados para tingir – uma bela côr amarela. Madeira corante ‘Locuzela.’ A montante do Ribeirão Belchior (município de Gaspar) a presença de “Muitos paus de Cedro.”. Ledo não identifica o uso das espécies, e conforme Coldebella et al. (2018, p. 51) a “espécie *Maclura tinctoria* (L) D. Don ex Steud, popularmente conhecida como Tajuva, [...]” já foi explorada como mercadoria de troca no passado e muito utilizada para obter corantes para tecidos. Encontra-se em extinção, e a sua madeira é considerada de alta qualidade.

Ferraz (1976, p. 128) descreve como viveram os primeiros colonos e as dificuldades enfrentadas na floresta ao abrirem as clareiras para se instalarem nos lotes.

A derrubada da mata para o preparo das primeiras roças ou construção de rancho primitivo, não raro causava acidentes, porque as copas das gigantescas árvores ligadas às vizinhas por fortes cipós, arrastavam na sua queda galhos da grossura de árvores e, por esse mesmo motivo, algumas vezes a direção da queda ocorria de modo diverso do previsto pelo corte.

Os primeiros anos dos colonos também requereram várias adaptações para as construções e iluminação de suas habitações sendo imprescindível o uso da biodiversidade da Mata Atlântica.

As palmeiras forneciam quase toda a matéria prima necessária à confecção de casa primitiva; os troncos partidos e ligados por cipós formavam as paredes; as folhas entrelaçadas e amarradas às ripas, serviam de tecto. Uma armação de paus e cipós encostada a uma das paredes, substituiu o leito. Troncos de árvores e caixotes, supriam a falta de cadeiras e mesas. A iluminação da casa, durante a noite, era, às vezes, um problema de difícil solução para o colono. O azeite de baleia, de odor insuportável, ou a vela de sebo, eram os meios comuns de iluminação. Mas, quando no único armazém da Colônia se esgotava o estoque de azeite de baleia e velas de sebo, os colonos passavam mal. Uns conseguiam um velho tronco de aribá, cujas lascas forneciam ótima iluminação. Outros, se estavam em pleno verão, improvisavam uma lâmpada verdadeiramente original; apanhavam muitos vagalumes e os prendiam sob um copo virado. Mas; a maioria, por certo, ficava na escuridão, o que podia não ser agradável, mas era, sem dúvida, muito prático (FERRAZ, 1976, p. 131).

As canoas de Blumenau são designadas conforme a madeira de que são construídas: “existe uma de canela preta, uma de figueira, cedro (bom e leve), ariobá (madeira, a mais durável), carajuba (pesada e facilmente afundando).” (TSCHUDI, 1988, p. 61). A madeira do cedro utilizava-se para caixas de charuto (ZÖLLER, 1990; GIESEBRECHT, 2019), sendo muito boa para canoas. O corte de uma árvore grande durava em torno de duas horas, e as de maior espessura, uma pessoa experimentada levava dois dias de trabalho (ZÖLLER, 1990).

Zöller (1990, p. 145) destaca o uso e a grande quantidade de palmito existente na região, e em seguida lamenta o seu desperdício e a destruição pela ação humana.

Nota-se uma abundância de palmitos (*Euterpe edulis*) miúdos da altura de um dedo até a altura de uma casa de dois pavimentos. Os brotos desta planta útil fornecem um legume que, preparado com óleo e vinagre, é muito saboroso. Os colonos mais simples usam suas folhas para cobertura de telhados e não lhe dão valor como um agricultor alemão não dá ao champinhon e à criadilha (Teüffel). Em todos os lugares estavam jogados os palmitos envoltos em suas folhas parecidas ao pergaminho, sem que alguém se desse ao trabalho de tirar o miolo. Lamentavelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresentam um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.

O palmito, espécie da Mata Atlântica, atualmente é explorado que sustenta a ilegalidade do seu comércio. A produção clandestina sem condições que atendem a higiene representa um problema sério para a saúde dos consumidores (BRASIL, 2009). Vince (2019, p. 138) constata que as cheias e enchentes no rio depositam grande quantidade de ramos e até troncos de árvores como cedros, aproveitada pela população como lenha. Descreve “uma figueira gigante, [...] que os figos estavam caindo em abundância. Os galhos de cima estavam recobertos de cactos e bromeliáceas prateadas do tipo *Tilandsia*, cujos fios compridos e moles são utilizados na confecção de almofadas.” Na chegada a Blumenau em 1864, apesar do desmatamento de extensas áreas, em parte cultivadas, destaca o domínio de florestas virgens. Constata que a maioria das casas era construída com troncos de palmeira, ocorrendo melhorias com o surgimento de olarias e serrarias.

Giesebrecht (2019) deslocando-se de Blumenau a Indaial cita construções de pontes sobre pequenos cursos de água, cobertas às vezes com telhados de madeira. Stutzer menciona o uso de tamancos coloridos pelos homens. A base dos tamancos é feita com madeira. Sobre o uso dos elementos naturais nos ranchos construídos pelo imigrante como abrigo em Hammonia, Lacmann (1997, p. 47) constata que “É fechado nos lados por sarrafos de palmito e coberto com folhas de palmeira uricana, amarradas aos sarrafos com cipó. O chão é de terra batida e as janelas são simples aberturas nas paredes. [...]. Normalmente, a cozinha fica num rancho separado com um fogão de pedras.” Posteriormente, pode substituí-la “por uma casa de madeira sólida e coberta com tábuas. Mais tarde uma casa de alvenaria [...].”

CAÇA E PESCA

Gaertner (1960, p. 183-184) considera que a caça e a pesca representaram uma importante fonte de alimentação da população e de lucratividade, citando uma grande diversidade de espécies da fauna presentes na Mata Atlântica da região.

A caça, nas florestas extensas, com os múltiplos córregos, é lucrativa, consistindo, principalmente, de antas, veados (espécie de antílope), porcos, tatus, pacas, capivaras, cutias (tem muita semelhança com o coelho europeu) e macacos de diversas espécies. De aves há: jacus, com espécies, às vezes, de tamanho maior do que a galinha doméstica, macuco, nhambú, jaó, uru (parecido com as perdizes européias, vivendo, como estas, em famílias), papagaios de diversas qualidades e pica-paus.

Durante a época do inverno, grande parte da população abastece-se, para a maior parte do seu consumo de carne, (o que se dá, segundo o costume da região, em três refeições diárias) com caça, abatida a tiro ou apanhada em armadilhas.

A pescaria é igualmente lucrativa, fornecendo diversas qualidades de peixes saborosos, entre os quais se destaca um peixe voraz, a traíra, que alcança o peso de 16 a 18 libras (8 a 9 quilos). Uma outra espécie, o bagre, peixe de água salgada, que sobe o rio para desovar, é pescado, aos milhares, de agosto a outubro.

Entre os animais de caça, Vince ressaltava em algumas passagens as diversas espécies para o consumo, o seu sabor, formas de captura e de preparo: “Embora o assado de macaco com arroz e pimentão seja considerado prato delicioso, os portugueses não caçam muito esses bichos inócuos, salvo quando querem pegar um filhote, o que se consegue mais facilmente abatendo-se ou, pelo menos, ferindo-se a mãe.” (VINCE, 2019, p. 139). O inhambu, a carne mais saborosa, e “A carne de anta, aliás, que pude experimentar depois mais de uma vez, não é saborosa por ser muito dura, mas o seu fígado constitui uma das iguarias mais procuradas; sobretudo se preparado com o miolo da parte superior da palmeira aquática, que torrada, lembra o gosto da melhor trufa.” Sobre a captura de uma onça ou jaguar jovem “A carne, cujo gosto é superior ao da melhor carne de vitela, deu para uma porção de assados; quanto à magnífica pele mosqueada, que mandei tirar, dei-a de presente, mais tarde, ao Dr. Blumenau. [...]” (VINCE, 2019, p. 153). De acordo com o autor, as palmeiras aquáticas eram fáceis de obter devido à sua abundância e por ser uma madeira mole para o corte.

Era frequente entre os colonos o consumo da carne de gambá e lagarto (GERNHARD, 1998). Também são citados o consumo de caça de tucano, pirol, jacu-bembem, quati, e extração de mel e cera produzida por abelhas silvestres. Vince detalha a facilidade de obter a caça na região e sua abundância.

Aqui o caçador não precisa procurar como nas florestas da Europa; basta-lhe ter bons ouvidos. Seguindo silenciosamente o atalho não precisa olhar para os dois lados, coisa que, aliás, seria pouco recomendável devido à necessidade de fitar continuamente o chão em sua frente, para não pisar em alguma cobra tomando sol.

Quando no meio do fundo silencioso da mata lhe chega o menor barulho, tem que deter-se, pois sem dúvida alguma existe por aí algum bicho a 5 ou 6 passos. Se o caçador se mexe, ele foge e se esconde de vez; mas se este fica imóvel, o pobre do animal, desconhecendo o perigo, encara-o por assim dizer cordialmente e se deixa derribar de perto.

Segundo essa receita, pudemos matar alguns macucos gordos e saborosos, espécie de galinha selvagem preta e pardacenta, algumas perdizes e alguns inhambus que têm de todas as aves do Brasil, a carne mais gostosa.

[...]

Mal os primeiros raios de sol dissiparam um pouco as trevas, bandos de centenas de papagaios, especialmente de periquitos verdes, levantaram vôo entre as árvores. Abatemos alguns deles sem sequer ter de sair do rancho.

O colono do rio *Benedito* chegou de manhãzinha trazendo as nossas vasilhas, nas quais pudemos preparar para lanche o inhambu e os papagaios. O sabor dos periquitos verdes é ótimo, sobretudo nos meses de outono; também fiz o possível para caçar três ou quatro deles diariamente.

[...]

Na parte da manhã às vezes dava cabo a não menos de 10 a 12 macucos, jacus e jacu-bembens. Acontecia uns veados se acercarem tímidos da água, ou então alguns tajaçus, espécie de queixadas (*Dicotyles*), atravessavam as moitas da encosta grunhindo e batendo forte o queixo. Uma tarde estava perseguindo um tamanduá ferido que se arrastava pelo atalho, quando entre as espadanas que cresciam no limo avistei duas antas a seguirem a passos pesados o curso do regato (VINCE, 2019, p. 151-152).

Vince (2019, p. 151) descreve uma maneira fácil de capturar papagaios para domesticá-los: “basta ferir-lhe a asa com chumbo fino. A ferida cicatriza em poucos dias e a ave fica logo domesticada. É por assim dizer a única maneira de pegá-la, pois faz o ninho no meio da vegetação cerrada em galhos muito altos que mal se pode ver ainda menos alcançar.” Detalha o mundéu, armadilha para capturar animais sendo a mais comum na região e de fácil confecção.

Dentro da floresta abre-se um atalho de 500 a 600 passos, que se limpa tirando os galhos caídos. Ao longo do atalho levanta-se uma cerca de 3 a 4 pés de altura com o mato cortado e amontoado, ao qual se pisa um pouco para dar-lhe mais solidez. Nessa cerca abrem-se saídas a cada 50 a 60 passos.

Por cima dessas saídas atravessam-se três vigas compridas de palmeira, ligadas com cipós, cuja ponta mais pesada dá para o atalho, apoiada numa alavanca de um braço, isto é, um simples galho aplicado a uma estaca lateral.

Depois se põe em contato com a alavanca um aparelho composto de três alavancas laterais, de tal forma que ao menor toque de um forçado sotoposto fazem as vigas caírem no chão.

Os animais, impedidos pela cerca de atravessar o atalho, sobretudo de noite, correm até encontrar uma das saídas; ao tentarem transpô-la, mexem com o pelo ou as penas no forçado invisível, o que faz tombar as três vigas pesadas.

Essas matam com seu peso os bichos leves (agutis, tamanduás, perus e galinhas selvagens) e, embora sem matar, imobilizam a caça grossa: tajaçus, veados, capivaras (*Hydrocoerus* – porco aquático sem rabo).

Eu mesmo armei uma cerca destas de uns 700 passos de comprimento, munida de mundéus. Não houve dias em que, graças ao aparelho, não pegasse pelo menos 5 a 6 animais.

Certa manhã, inspecionando os mundéus como de costume, encontramos num deles um belo exemplar de onça ou jaguar jovem, preso na armadilha (VINCE, 2019, p. 153).

A abundância de fauna e de caça nos primeiros anos da colônia é relatada por Fritz Müller em carta para Charles Darwin que no inverno de 1866 inúmeras jacutingas migraram do planalto para se juntarem com “às que já habitavam a região. Só ‘no Itajaí’, (forma como ele referia-se à colônia), ‘foram mortas 50 mil jacutingas nesse ano’.” (BRASIL, 2009, p. 45). As caçadas “não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abate-se milhares de animais; noutro, procura-se em vão por dias e semanas caças.” (ZÖLLER, 1990, p. 146). A década de 1880 indica uma significativa diminuição, pelo menos de determinada espécie, relatado no artigo de jornal escrito por A. Müller em 1883 (provavelmente August Müller, chega em 1852 na colônia com seu irmão o cientista Fritz Müller) ao abordar brevemente as caçadas de aves, que os tucanos anos atrás existiam em grande quantidade passaram a ser muito raros (BLUMENAU EM CADERNOS, 1989). A caça sempre ocorreu, e atualmente não é praticada para fins de subsistência, mas para esporte de forma intensiva e ilegal (BRASIL, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos que conheceram e descreveram a paisagem natural do Vale do Itajaí-açu exaltaram em diferentes momentos no século XIX a beleza das serras, planícies, cursos de água, a variedade de espécies que compõe a Mata Atlântica, e seus solos férteis. O encantamento pelo vale e a riqueza natural também despertaram o interesse em iniciar a colonização e como oportunidade de desenvolver a região.

O início da interiorização da ocupação das vertentes do vale consolida-se com os imigrantes europeus na segunda metade do século XIX, a princípio no baixo e médio vale, em domínio das planícies e das serras litorâneas. Posteriormente, início do século XX, a ocupação avança o alto vale em domínio de planalto. As descrições da paisagem no século XIX referem-se às configurações topográficas mais “acidentadas” e da planície litorânea do vale.

No século XIX os cursos de água do Rio Itajaí representavam a principal via de transporte do porto às colônias, e no seu percurso várias descrições da paisagem estão registradas. Alguns documentos

apontam a susceptibilidade das margens do Rio Itajaí-açu à erosão, mesmo com a presença da floresta recobrando as margens fluviais da planície litorânea. Atualmente a erosão das margens ainda representa um problema socioambiental, situação agravada com o processo de ocupação antrópica.

Em termos de biodiversidade a madeira foi fundamental para a subsistência e desenvolvimento da região. A riqueza na variedade da flora representa uma diversidade nas propriedades das espécies, como dureza, resistência, facilidade de manuseio da madeira, e a composição química que condicionaram o uso para diversos fins. A madeira foi fundamental para a construção das habitações humanas e de animais domésticos, lenha para o cozimento de alimentos e atividade industrial, servir de fonte de alimentos e de utensílios domésticos (móveis, gamelas), viabilizar o transporte de mercadorias e de pessoas (construções de embarcações, carroças, pontes). Também na construção de armadilhas de caça e equipamentos de pesca, desenvolvimento da agricultura (ferramentas agrícolas, engenhos, atafonas), e crescimento econômico da região com a exploração madeireira.

Outro elemento relevante da biodiversidade da Mata Atlântica que contribuiu para a subsistência dos imigrantes foi a abundância da caça e pesca de diferentes espécies, que propiciaram festas da caça realizadas na região até o final do século XX. No século XIX encontraram a princípio abundância na biodiversidade, mas a sua sucessiva exploração conduziu à ameaça de extinção de espécies da fauna e flora, que motivaram a criação de unidades de conservação. Atualmente ações ilegais ainda são cometidas na região, como extração de palmito e caça.

REFERÊNCIAS

- AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.
- AUBÉ, L. A Província de Santa Catarina e a colonização do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina**, v. 13, p. 79-94, 1944.
- BPBES - Plataforma Brasileira de Biodiversidade & Serviços Ecosistêmicos. **1º Diagnóstico Brasileiro de Biodiversidade & serviços ecossistêmicos**. São Carlos: Editora Cubo, 2019.
- BRASIL. **Plano de Manejo Parque Nacional da Serra do Itajaí**. Brasília: ICMBIO, 2009.
- BLUMENAU EM CADERNOS. As pragas de ratos que assolavam a colônia. **Blumenau em Cadernos**, t. XXX, n. 8, p. 241-243, 1989.
- CABRAL, D. de C. O 'Bosque de Madeiras' e outras histórias: a Mata Atlântica no Brasil Colonial (séculos XVIII e XIX). **Tese** (Doutorado em Ciências) - Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.
- COLDEBELLA, R.; GIESBRECHT, B. M.; SACCOL, A. F. de O.; GENTIL, M.; PEDRAZZI, C. Propriedades físicas e químicas da madeira de *Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud. **Ciência da Madeira**, v. 9, n.1, p. 54-61, 2018. <https://doi.org/10.12953/2177-6830/rcm.v9n1p54-61>
- d'ÁVILA, E. **Pequena história de Itajaí**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 1982.
- EDUARDO, Rosemari P. A madeira em Santa Catarina – 1930-1974. **Dissertação** (Mestrado em História do Brasil) - Curitiba: UFPR, 1974.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Santa Catarina em dados**. Florianópolis: FIESC, 2015.
- FERRAZ, P. M. Pequena história da colonização de Blumenau – 1850-1883. **Blumenau em Cadernos**, t. XXVII, n. 4, p. 121-136, 1976.
- FOUQUET, K. Dr. Hermann Blumenau. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 10-38.
- GAERTNER, R. O Vale do Itajaí em 1855. **Blumenau em Cadernos**, t. III, n. 10, p. 181-184, 1960.
- GERNHARD, R. O município de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXIX, n. 11/12, p. 46-80, 1998.

GIESEBRECHT, F. E. Die Deutsche Kolonie Hansa in Südbrasilien. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 373-395.

GROSS, T.; JOHNSTON, S.; BARBER, C. V. **A convenção sobre diversidade biológica: entendendo e influenciando o processo**. Universidade das Nações Unidas, Instituto de Estudos Avançados da Universidade das Nações Unidas, 2005.

LACMANN, W. Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXVIII, v. 11/12, p. 09-55, 1997.

LANGE, H. Südbrasilien. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 303-308.

LEDE, C. van. O Itajaí-Grande em 1842. **Revista Blumenau em Cadernos**, t. VII, n. 11, p. 181-185, 1967.

_____. Os rios Itajaí Grande e Itajaí Mirim: Descritos Por Van Lede. **Revista Blumenau em Cadernos**, t. II, n. 3, p. 41-45, 1959.

MACHADO, J. M. P. O desenvolvimento da construção naval em Itajaí, Santa Catarina, uma resposta ao mercado local, 1900 a 1950. **Dissertação** (Mestrado em História) – Florianópolis: UFSC. 1979.

MOREIRA, S. M. T. Madeira, porto e outras atividades econômicas. In: LENZI, R. M. et al. (Org.). **Itajaí: outras histórias**. Itajaí: Prefeitura Municipal de Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins, 2002. p. 79-90.

_____. Porto de Itajaí: da gênese aos dias atuais. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Florianópolis: UFSC. 1995.

NODARI, R. O.; NODARI, E. S.; FRANCO, J. L. de A. Uso e Conservação da Biodiversidade: as duas faces da moeda. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v.5, n.3, p. 11-16, 2016. <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2016v5i3.p11-16>

RIVIERY, C. Características do Rio Itajaí e seus afluentes no século passado. **Revista Blumenau em Cadernos**, t. XXXV, n. 2, p. 50-58, 1994.

SANTOS, G. F. dos; PINHEIRO, A. Transformações geomorfológicas e fluviais decorrentes da canalização do Rio Itajaí-açu na divisa dos municípios de Blumenau e Gaspar (SC). **Revista Brasileira de Geomorfologia**, n. 1, p. 1-9, 2002.

SANTOS, M. P. R. T. A construção do espaço rural nas colônias de imigrantes do sul do Brasil. In: GERHARDT, M.; NODARI, E. S.; MORETTO, S. P. (Orgs.). **História ambiental e migrações: diálogos**. São Leopoldo: Oikós; Chapecó: UFFS, 2017. p. 63-80. <https://doi.org/10.7476/9788564905689.0005>

_____. O imigrante e a floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC. **Tese** (Doutorado em História) – Florianópolis: UFSC. 2011.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, R. I. C. dos. **Colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme, 1981.

SILVA, J. F. da. Itajaí: a fundação e o fundador. **Blumenau em Cadernos**, t. VIII, n. 9/10, p. 153-180, 1967.

STUTZER, G. Na Alemanha e Brasil, Retratos da Colônia Blumenau. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 311-318.

TSCHUDI, J. J. von. **As Colônias de Santa Catarina**. Blumenau: CNPq: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

VICENZI, G. Uma Viagem ao Estado de Santa Catharina. In: SCHMIDT-GERLACH, G. (Org.) **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 491-500.

VINCE, S. G. I. G. I. Viagem ao Brasil e Retorno. In: SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (Org.). **Colônia Blumenau no sul do Brasil**. São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019. p. 128-142.

ZÖLLER, H. Os alemães na floresta brasileira. **Blumenau em Cadernos**, t. XXXI, n. 5, p. 139-155, 1990.

Recebido em: 23/02/2021

Aceito para publicação em: 23/12/2022